



## Os Mucker: terror na colônia alemã do Brasil

Luiz Antonio de Assis Brasil

Luiz Antonio de Assis Brasil é romancista (14 títulos publicados). Doutor em Teoria da Literatura. Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Brasil). Tem textos publicados nos Estados Unidos e Canadá. Na Alemanha fez parte da antologia „Nachdenken über eine Reise ohne Ende“ (1994 – Org. Kurt Scharf), co-editado pela Haus der Kulturen der Welt (Berlin) e a Babel Verlag – com o texto “Donnerstag”. Seu romance “Concerto Campestre” (1997) será publicado em 2000 pela Ediciones Akal, de Madrid.

Chamada rebelião dos Mucker foi um movimento messiânico ocorrido na segunda metade do século XIX, na colônia alemã do Ferrabrás, próximo a Porto Alegre, capital da então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Império do Brasil.

Antes é bom lembrar algumas condicionantes históricas: o Sul do Brasil conheceu uma forte imigração germânica a partir de 1824; esses contingentes populacionais, principalmente do Hunsrück, para lá foram sob o

amparo de Dona Leopoldina von Habsburg, casada com o Imperador D. Pedro I. Como o território da Província estava com suas melhores terras já ocupadas pelos luso-brasileiros, coube a esses colonos um território virgem, de muita floresta, povoada por animais bravios, e que possuía o rio dos Sinos como via navegável e de contato com a capital.

A instalação dos colonos deu-se de forma desarmoniosa, e não chegaram a receber todas as vantagens que o Império prometera; deram-lhes, é verdade, uma certa porção de terras, mas faltavam-lhes sementes, instrumentos agrícolas, animais, armas; enfim: do que mais precisavam. Os colonos, contudo, aos poucos arranjaram-se. A localidade de São Leopoldo (nome em homenagem a D. Leopoldina) tornou-se logo a “capital” da colônia alemã, e era habitada por comerciantes, pequenos industriais e alguns profissionais liberais.

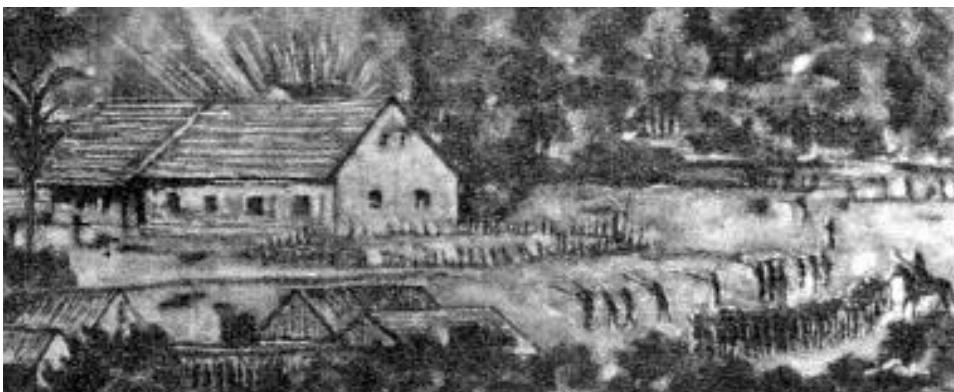
### A larga clientela de um „Wunderdokter“

Se São Leopoldo prosperava em seu incipiente capitalismo, os lugares mais distantes empobreciam, sem instrução, sem comércio, sem

assistência cultural. Uma dessas colônias carentes foi a do Ferrabrás, às margens do Sinos, cuja marca topográfica mais evidente é o morro de mesmo nome, que se ergue súbito e misteriosamente na planície. Era povoada por gente simples e que tinha na agricultura seu único meio de subsistência.

Por volta de 1868 foi para lá um casal, João Jorge Maurer, carpinteiro, e sua mulher, Jacobina Maurer (de solteira Mentz), nascidos no Brasil e filhos de imigrantes; de início João Jorge dedicou-se a sua profissão, mas começou a curar com plantas medicinais e conquistou de imediato larga clientela, recebendo por isso a alcunha de Wunderdokter. Analfabeta, Jacobina aprendeu rapidamente a ler na Bíblia, passando a interpretá-la para os pacientes de seu marido. Manifestava, também, alguns poderes místicos: declarando-se possuída pelo Espírito Natural, entrava em estado de densa letargia, dos quais voltava relatando visões celestiais. Pouco a pouco, os colonos iam ao Ferrabrás não mais por João Jorge, mas por Jacobina, que lhes prometia a bem-aventurança eterna e proibia-os de irem aos cultos e à escola dominical do Pastor Boeber, então o pároco do Ferrabrás; por outro lado, impedia-os de irem às missas do padre jesuíta que vinha ocasionalmente à região para celebrá-las em casas de família. Tal atitude colocou-a em confronto direto com as duas religiões estabelecidas, e foi o foco de inimizades entre famílias.

Os fiéis de Jacobina construíram uma edificação ao lado de sua casa, misto de templo e enfermaria, no qual realizavam suas cerimônias e hospedavam os doentes. Muitos destes, já curados, ficavam por lá, engrossando o número dos adeptos. Logo passaram a ser chamados de Mucker, que significa “beato”, ou “hipócrita”. Em 1873 o Pastor Boeber, incon-



Ataque contra os muckers em 19 de julho de 1874. Litografia da época (detalhe).

◀ São Leopoldo, em 1864.  
Litografia de  
Oscar Canstatt.

formado com aquilo que chamava de seita, liderou um abaixo-assinado dirigido ao Delegado de Polícia de São Leopoldo; nesse documento os cidadãos mostravam-se incomodados com os estranhos ritos de Jacobina e pediam urgentes providências da autoridade para proibir as reuniões religiosas “fora da lei”.

### Notícias alarmantes sobre 500 homens armados

Nesse meio tempo, um jornal de Porto Alegre publicou notícias alarmantes sobre os Mucker, que teriam 500 homens armados e que resistiriam a qualquer ofensiva policial. O então Presidente da Província determinou que o Chefe de Polícia fosse em pessoa ver o que estava acontecendo. João Jorge e Jacobina foram presos e levados à Capital; internaram Jacobina num hospital e João Jorge foi encarcerado numa prisão pública. Nada aconteceu, porém: os médicos consideraram Jacobina saudável, e João Jorge um homem sem perigo; os dois foram postos em liberdade, sob promessa de que cessariam seu movimento, dispersando os fiéis. Isso, naturalmente, foi descumprido, e os encontros religiosos seguiram com crescente e inflamado acompanhamento.

Em novembro desse mesmo ano, Spindler, Inspetor de Quarteirão, sofreu um atentado à vida, e logo o fato foi atribuído aos Mucker. Muitos foram presos e tiveram suas armas confiscadas. O Presidente da Província, imaginando que se tratava de uma coação contra cidadãos livres, mandou libertar a todos; mesmo assim, os Mucker enviaram emissários (entre os quais o próprio João Jorge) para queixar-se ao próprio Imperador D. Pedro II, no Rio de Janeiro. O monarca não lhes deu atenção, remetendo a petição aos caminhos burocráticos, onde foi arquivada. Esse talvez tenha sido seu erro fatal, causador de uma tragédia sem precedentes.

As reuniões no Ferrabrás continuaram a realizar-se, sob a liderança exclusiva de Jacobina, que se intitulou de “novo Cristo” e nomeava apóstolos, celebrando cultos em seu templo. Associou-se a ela um seu cunhado, chamado de “Pastor” Klein, que pretendeu, no início, dominar o movimento, tendo falhado nesse propósito.

A 30 de abril aconteceu um fato importante: foi morto em São Leopoldo um jovem que havia desertado do Ferrabrás e dos ensinamentos de Jacobina. Os Mucker são imediatamente acusados do crime, levantando contra si a opinião pública. Pouco tempo depois, uma família inteira tinha sua casa incendiada, morrendo quase todos entre as chamas; foi fácil encontrar os culpados: o chefe daquela família havia também abandonado os Mucker. O Chefe de Polícia fez várias prisões, inclusive de Jacobina e do “Pastor” Klein. Em represália, os Mucker, no dia seguinte, assassinaram barbaramente alguns adversários, inclusive crianças, velhos e mulheres, e passaram a incendiar casas e matar animais, o que pôs toda a colônia em revolta. Impotente para conter os ânimos, a Polícia pediu ajuda ao Exército Imperial, que, apenas para

▼ Acampamento do coronel Genuíno Sampaio em Campo Bom. Litografia de época (detalhe).



▼▼ Porto Alegre, na segunda metade do século XIX. Gravura reproduzida no livro Rio Grande do Sul and its German colonies, de Michael G. Mulhall



lembrar, havia feito recentemente a campanha da Guerra do Paraguai.

### Começa a fase mais sangrenta do episódio

Tem início, então, a fase mais sangrenta do episódio, com a repressão militar sob o comando do Coronel Genuíno Sampaio. Vem ele da Capital do Império com uma tropa de artilharia munida de quatro canhões, morteiros e foguetes lança-chamas. O combate é terrível, e os Mucker resistem como podem, refugiando-se no seu templo. Possuem, entre eles, um ex-soldado da Guerra do Paraguai, que assume o comando militar da reação. Jacobina, porém, é levada por seus fiéis a refugiar-se no Morro do Ferrabrás, junto com seus “apóstolos” e seus filhos.

Em 2 de agosto de 1874 toda a tragédia termina, com a dizimação violenta dos Mucker, que morrem incendiados dentro de seu templo. Morte épica: sucumbem cantando hinos religiosos, certos de que encontrarão o céu após a morte.

Os soldados descobrem o refúgio de Jacobina, e ela, na iminência da destruição, manda matar sua filha recém-nascida Leidard, e ela própria encontra a morte em meio a golpes de lança e baioneta, junto a Rodolfo Senh, seu amante, aquele que dedicava a ela todo seu afeto e proteção.

Tal acontecimento, cuja memória ainda não se apagou do imaginário coletivo da região, foi objeto de vários livros (entre os quais Videiras de Cristal, romance que publiquei em 1990) e de um filme da década de 1970, dirigido por Bodanski, com roteiro de Wolf Gauer. Videiras de Cristal será filmado neste

ano de 2000 com roteiro de Ana Miranda e direção de Fábio Barreto, o responsável por O Quatrilho, concorrente ao Oscar de melhor filme estrangeiro em 1998. As filmagens externas ocorrerão no próprio Ferrabrás, aproveitando uma paisagem que mantém, ainda, uma natureza bela e intocada, e povoada por descendentes dos protagonistas do fato de 1874. Espera-se que o filme de Fábio Barreto venha colaborar para trazer a paz, via entendimento, àquela região que não parece ter sido o cenário de tão terríveis e devastadores episódios. ■

